



15 *Memória e criação: tempo-essência em O tempo redescoberto de Marcel Proust*

(Memoria y creación: tiempo-esencia em O tempo redescoberto de Marcel Proust)
(Memory and creation: time-essence in Marcel Proust's O tempo redescoberto)

Luzia Silva Pinto¹ Marcello Moreira²

1. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da UESB. Membro do Grupo de Pesquisa Memória, História e Esquecimento na Literatura e no Campo Historiográfico. Lattes <http://lattes.cnpq.br/8884618223755289>, ORCID <https://orcid.org/0000-0002-7063-8080>.

2. Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Departamento de Estudos Linguísticos e Literários. Líder do Grupo de Pesquisa Memória, História e Esquecimento na Literatura e no Campo Historiográfico. Lattes <http://lattes.cnpq.br/4062269068371059>, ORCID <https://orcid.org/0000-0001-6827-2772>.



Resumo – Objetiva-se, *a priori*, buscar a compreensão acerca da Memória (Memória Involuntária), espelhada na obra *O tempo redescoberto*, do literato francês Marcel Proust (1871-1922), com o fito de legitimar que o entendimento de tal Memória configura-se como sendo de importância primacial para a inteligibilidade do estudo que aqui se pretende encetar, posto que é nela que repousa toda a força e toda a singularidade da *Recherche* proustiana. Ulteriormente, a partir da Memória Involuntária e do Tempo proustianos, entabular-se-á um diálogo, de um lado, com o ensaísta alemão Walter Benjamin (1892-1940) e, de outro, com o filósofo francês Gilles Deleuze (1925-1995), com vistas a melhor compreender de que forma se dá a conversão do Tempo Perdido no *Tempo redescoberto*, conversão essa que nada mais faz do que fornecer, ao herói proustiano, a matéria de seu livro, bem como a certeza de que a única vida, por conseguinte, realmente vivida é a Literatura. E, em última análise, conceber-se-á a busca proustiana ora como criação, ora como essência, ora como encontro consigo mesmo. Por fim, intenta-se corroborar que somente a obra de arte é capaz de conferir, à Memória, a real dimensão de sua envergadura ontológica.

Palavras Chave: Criação; memória involuntária; obra de arte, tempo.

Resumen – *El objetivo, a priori, es buscar la comprensión sobre la Memoria (Memoria Involuntaria), reflejada en la obra El Tiempo Redescubierto, del escritor francés Marcel Proust (1871-1922), con el objetivo de legitimar que la comprensión de dicha Memoria configura Se considera de primordial importancia para la inteligibilidad del estudio que aquí pretendemos iniciar, ya que es en él donde reside toda la fuerza y singularidad de la Recherche proustiana. Posteriormente, a partir del libro proustiano Memoria involuntaria y tiempo, se iniciará un diálogo, por un lado, con el ensayista alemán Walter Benjamin (1892-1940) y, por otro, con el filósofo francés Gilles Deleuze (1925-1995), con miras a comprender mejor cómo el Tiempo perdido se convierte en Tiempo redescubierto, conversión que no hace más que proporcionar al héroe proustiano el material para su libro, así como la certeza de que la única vida, por tanto, es la Literatura, la verdaderamente vivida. Y, en definitiva, la búsqueda proustiana será concebida como a veces creación, a veces como esencia, a veces como encuentro con uno mismo. Finalmente, intentamos corroborar que sólo la obra de arte es capaz de darle a la Memoria la dimensión real de su alcance ontológico.*

Palabras clave: Creación; memoria involuntaria; obra de arte, tiempo.



Abstract – *The objective is, a priori, to seek understanding about Memory (Involuntary Memory), mirrored in the work O tempo redescoberto, by the French literary Marcel Proust (1871-1922), with the aim of legitimizing that the understanding of such Memory is configured as being of primary importance for the intelligibility of the study that we intend to undertake here, since it is in it that all the strength and the singularity of the Proustian Recherche rests. Subsequently, starting with Proustian Involuntary Memory and Time, a dialogue will take place, on the one hand, with the German essayist Walter Benjamin (1892-1940) and, on the other, with the French philosopher Gilles Deleuze (1925-1995), in order to better understand how the conversion of Lost Time into Tempo redescoberto takes place, a conversion that does nothing more than provide the Proustian hero with the material of his book, as well as the certainty that the only life therefore, Literature is really lived. And, in the final analysis, the Proustian search will be conceived, sometimes as creation, now as essence, now as an encounter with oneself. Finally, it is intended to corroborate that only the work of art is able to confer, on Memory, the real dimension of its ontological scope.*

Keywords: *Creation; involuntary memory; work of art; time.*



Inicialmente, far-se-á, ainda que de forma sucinta, uma apresentação do autor, bem como da obra *O tempo redescoberto*, que norteia este artigo, para, a partir desse ponto, e, em um segundo momento, adentrar-se no fulcro da aludida obra, posto que é dela que promana o tripé memória, tempo e processo de criação, fio condutor desse estudo.

Começamos, pois, trazendo à baila o escritor francês Marcel Proust, estudioso este que, na esteira da crítica contemporânea, persiste como um escritor único, detentor de uma sensibilidade refinada, de erudição e memória privilegiadas, bem como possuidor do dom de transformar seu romance numa verdadeira epopeia da alma, velejando pelos mais diversos oceanos da existência, mesmo porque, por todos eles, ele navegou, já que a posteridade tem o Proust romancista, o moralista, o naturalista, o crítico de arte, o filósofo, o poeta, o memorialista, o caricaturista e o crítico social. Assim sendo, é digno de nota o vigoroso impacto de Proust, tanto no cenário intelectual, quanto no cultural, notadamente na primeira metade do século XX, o que pode ser aferido pelos estudos, quer nacionais, quer internacionais, que o tomaram como enquadre temático, teórico e/ou metodológico, seja de modo exclusivo, seja de modo conjugado com outros autores.

Perante o que vai dito nas linhas supramencionadas, cumpre aclarar que, para fins desse estudo, é como escritor que Proust nos interessa, já que é sobre sua obra *O tempo redescoberto* que versará o estudo em foco, como dito em passagens anteriores. Como é sabido, o *cosmo* criado por Proust, nos sete tomos de *Em busca do tempo perdido*, retrata uma das obras monumentais do século XX, o que se reconhece facilmente pela extensão e minúcia das imagens que a constituem.

Nestas condições, releva notar que a dependência da memória demarca o tempo como temática elementar nos escritos de Proust. Não por acaso, sua *À la recherche du temps perdu* espelha esse afã alucinado pelo tempo perdido, essa busca que confere sentido à existência, ao redescobrir o tempo que se perdeu. Nesse sentido, a memória torna-se a amálgama do universo com o *si mesmo*, do espaço com a sensação de pertencimento, da arte literária com a “vida real”, do passado com o presente. Soma-se a isso que, em toda a produção literária proustiana, é possível identificar a observação aguda, o sarcasmo e o solilóquio como recursos literários bastante explorados, tudo isso com o intuito de aprofundar sua imersão no passado e daí extrair fragmentos de vivências que, presentificados pela memória, reconstruirão, para o autor, não a experiência tal qual ocorreu, mas uma lembrança de vida resignificada.



Feitas essas considerações iniciais, é já altura de trazer à baila a compreensão acerca da memória involuntária, posto que é, nela, que repousa toda a força e toda a singularidade da *Recherche* de Proust. Nestes termos, digna-se notar que o citado escritor, em *O tempo redescoberto*, introduz, na narrativa, essa memória particularizada, sensitiva, que permite uma evocação espontânea quando o passado e o presente se tangenciam. A isso cumpre acrescentar que esse encontro de temporalidades sobrevém no instante em que um conjunto de sensações experimentadas no presente nos conecta a recordações de experiências passadas. Nestas circunstâncias, não é forçoso constatar que tal memória nada mais é senão um processo de forte conteúdo existencial, uma vez que possibilita que impressões originadas de estímulos pretéritos ressurgam na memória em face de uma vivência atual que estabelece com aquelas algum vínculo.

Logo nas primeiras páginas de *O tempo redescoberto*, Proust relata um episódio que ilustra essa mistura de sensações e lembranças:

Minha memória, a própria memória involuntária, havia perdido o amor de Albertine. Mas parece existir uma *memória involuntária* dos membros, pálida imitação da outra, *que dura muito mais*

tempo, como certos animais ou vegetais ininteligentes vivem mais que o homem. As pernas e os braços estão cheios de lembranças entorpecidas. Certa vez em que deixei Gilberte muito cedo, acordei no meio da noite, no quarto de Tansonville, e, ainda meio adormecido, chamei: 'Albertine'. Não é que estivesse pensado nela, ou até com ela sonhado; nem que a tivesse tomado por Gilberte: é que uma reminiscência cravada em meu braço me fez procurar atrás de mim a campainha, como em meu quarto em Paris. E, ao não encontrá-la chamei: 'Albertine' acreditando que a amiga defunta estava deitada ao meu lado como quando adormecíamos juntos; calculando ao despertar, o tempo que demoraria Françoise para chegar, para que Albertine pudesse, sem imprudência, tocar a companhia que eu não encontrava (Proust, 2004, p. 17).

A partir do esboço que aqui se desenha, urge esclarecer que esse episódio é apenas um dos inúmeros outros que permeiam toda a obra e que sustentam a tese da memória involuntária como sendo a verdadeira alavanca da conversão proustiana do tempo perdido no tempo redescoberto e, por extensão, do fundamento da *Recherche*.



Em virtude do que foi mencionado, há que se ressaltar aqui que, para Proust, assume plena importância o anverso da memória, a sua face oculta e mais íntima, cerne de seu poder ser: o esquecimento. Para além disso, ele desempenha um papel primordial no fenômeno da memória, que é o de impedir a interpenetração dos estados de consciência, com vistas a preservar e salvaguardar os instantes do passado em “vasos fechados”, tendo, na devida conta, que a reminiscência é o autêntico renascimento do êxtase originário, o genuíno jorrar das águas imemoriais da origem. Em suma, o esquecimento é o poço profundo e sagrado, misterioso reservatório, de onde pode emergir, intacta e original, a memória involuntária. A título de ilustração do exposto, vide passagem:

[...] o gesto, o mais simples ato era encerado como em mil vasos fechados, dos quais cada um continhasse uma substância de cor, cheiro e temperatura absolutamente diversas; sem contar que esses vasos, dispostos ao longo de muitos anos durante os quais não cessáramos de mudar, ao menos de sonhos e ideias, situam-se em altitudes diferentes e nos fornecem sensações de atmosfera extremamente várias. [...] entre a lembrança surgida inopinadamente e nosso estado atual, assim como entre duas reminiscências de datas, lugares

e horas diversas, a distância é tal que, ainda deixando de lado a originalidade específica, bastaria para tornar impossível qualquer comparação. Sim, se, graças ao esquecimento, não pôde estabelecer nenhum laço, tecer malha alguma entre si e o momento presente, se ficou em seu lugar, em seu tempo, se conservou sua distância, seu isolamento no côncavo de um vale ou no cimo de uma montanha, a recordação faz-nos respirar de repente um ar novo, precisamente por ser um ar outrora respirado, o ar mais puro [...] que não determinaria essa sensação profunda de renovação se já não houvesse sido respirado (Proust, 1913, p. 211).

Diante disso, é importante que se diga que a memória involuntária pode resgatar a lembrança longínqua precisamente porque a reminiscência, além de se conservar na singularidade de um instante isolado que se mantém invulnerável à contaminação por outros momentos, ainda é impermeável ao encadeamento progressivo. Neste contexto, releva notar que Proust, ao eleger o instante isolado, nada mais faz do que estabelecer a possibilidade da repetição e da interpolação, artérias mestras da *Recherche*.



Com efeito, é interessante acrescentar que o episódio da “madeleine”, na *Recherche* proustiana, igualmente se configura como prova insofismável de que o esquecimento é o verdadeiro guardião da memória. Dito isso, mister se faz explicitar que a visão do pequeno bolo não trouxe, ao Narrador, nenhuma recordação especial, talvez porque ele o houvesse visto, sem prová-lo, tantas vezes depois de Combray, que sua imagem havia deixado os longínquos dias de sua infância para se ligar a outras mais recentes. Soma-se a isso que o sabor, por seu turno, guardado incólume nas brumas do esquecimento, bem como protegido pelas espessuras de tantos anos passados, aconchegou-se no fundo mais recôndito da memória, no estranho limiar da lembrança e do olvido, onde a reminiscência é simultaneamente segredo e degredo e, de lá, pôde ressurgir com aquele inefável misto de novidade e antiguidade, que é a marca inequívoca da origem. Em vista disso, é importante que se diga que foi justamente por nunca mais ter comido a “madeleine” desde a infância, que o sabor pôde arrastar atrás de si o edifício imenso da recordação. Como se pode inferir de tudo que foi dito até então, a reminiscência, não sendo preservada pelo denso manto do esquecimento, será desprezada pela repetição sucessiva que a desnuda de sua aura sublime e de seu poder encantatório. Em contrapartida, a atualização

reiterada, a presentificação repetida é que irremediavelmente conjugam para que a lembrança seja escoada pelo ralo do esquecimento, o qual a conduz ao limbo de onde não há resgate possível. Nesta linha, é importante elucidar que há, no esquecimento, uma fugidia fronteira, um horizonte móvel que assinala, outrossim, o limite entre aquilo que se conserva para sempre (germes do sonho, embriões de imagens, matrizes de ideias) e aquilo que irrecuperavelmente se entranha na ausência absoluta, sendo este movimento umbral a pátria da memória involuntária. Para fins ilustrativos do exposto, segue a passagem:

[...] Se ainda possuísse o François le champi por mamãe tirado uma noite do embrulho de livros que minha avó acabara de me dar como presente de aniversário, nunca o olharia; temeria inserir nele, pouco a pouco, minhas impressões de hoje, recobrando inteiramente as antigas, temeria vê-lo tornar-se de tal maneira atual que, quando lhe pedisse para invocar de novo a criança que lhe soletrara o título no quarto de Combray, esta, não lhe reconhecendo a voz, não respondesse mais ao apelo e permanecesse para sempre sepultada no esquecimento (Proust, 2013, p.230).



Feitas as aludidas considerações acerca da memória involuntária de Proust, é chegada a ocasião de trazer, para o centro dessa discussão, o ensaísta dialético, crítico literário, leitor e tradutor de Proust, Walter Benjamin (1892-1940) que, da forma que lhe é *sui generis* (circular e pouco dogmática), em seu emblemático ensaio *A imagem de Proust* (1985, 36-49), ao escrutinar a obra proustiana Em *Busca do tempo perdido*, constata que os conceitos “esquecer e lembrar” são de fundamental importância na compreensão da chamada memória involuntária proustiana. Desse modo, ao se valer dos aludidos conceitos, Benjamin, mediante um jogo no qual as duas ações – lembrar e esquecer – movem-se entremeadas às e nas palavras, intenta associar a escrita autobiográfica proustiana ao trabalho da memória involuntária e esta, por seu turno, ao esquecimento. Nas palavras benjaminianas:

A memória involuntária, de Proust, não está mais próxima do esquecimento que daquilo que em geral chamamos de reminiscência? Não seria esse trabalho de rememoração espontânea, em que a recordação é a trama e o esquecimento a urdidura, o oposto do trabalho de Penélope, mais que sua cópia? (Benjamin, 1994, p. 37).

Do exposto, percebe-se facilmente que, a bem dizer de Benjamin (1994), um acontecimento vivido precisa do esquecimento para ser rememorado; neste trajeto, chamado pelo aludido pensador de *continuum* da rememoração, a memória urde as lembranças e conjuga para que elas se transformem em texto, num processo que se assemelha a uma tapeçaria invertida. Em vista disso, basta que se diga, outrossim, que, se é a memória que comanda, em princípio, a explosão da escrita, com tanto mais razão há aquele momento no qual o esforço da escrita sobrepõe-se à espontaneidade das lembranças. Desse modo, mais importante é saber que é a recordação em si e não o texto ou o binômio autor/texto que comanda e produz a estrutura e o significado da obra. Dito de outro modo, o fato vivido é finito, mas a memória é aberta e ampla, cheia de possibilidades que são encaminhadas pelo fluxo das lembranças, uma vez que, em conformidade com Benjamin (1994, p. 37), “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”. A isso Benjamin acrescenta que “é a reminiscência que prescreve, com rigor, o modo de textura. Ou seja, a unidade do texto está apenas no *actus purus* da própria recordação, e não na pessoa do autor, e muito menos na ação” (Benjamin, 1994, p. 37).



Com o fito de enriquecer as considerações acerca da memória involuntária que vivifica a *Recherche proustiana*, é chegado o momento de convidar, para o bojo dessa discussão, o filósofo francês Gilles Deleuze (1925-1995), de quem Proust foi matéria de sua primorosa obra *Proust e os signos* (2003). Concernente à memória em evidência, o pensador francês patenteia que a memória involuntária está assentada entre duas sensações que se estendem por uma duração “comum a dois momentos, o atual e o antigo” (Deleuze, 2003, p. 56). Neste particular, O filósofo francês acredita que, na semelhança entre tais sensações, uma identidade é comungada, mas que, entretanto, não se reduz a uma identidade convencional. Todavia, esta é uma identidade que foge do mesmo e da semelhança. Assim sendo, o filósofo prossegue nos informando de que a sensação que evoca a memória involuntária, por meio do signo sensível, não se relaciona com outra sensação e outro momento. Daí a Madeleine não se limitar à associação da sensação gustativa de um bolinho doce; ela se associa à Combray. Nota-se que, além do imbricamento de dois momentos ou duas sensações, a memória involuntária possui uma outra característica, a saber: a interiorização da relação entre esses dois momentos ou sensações. Sob este prisma, digna-se saber que a Madeleine preserva uma relação exterior com Combray, afinal, de uma perspectiva gustativa, ela se relaciona apenas com

suas características qualitativas próprias, que a constituem enquanto um agradável bolinho doce. Ademais, urge notar que Combray ganha contornos próprios na experiência perceptiva realizada na infância do narrador. Neste contexto, torna-se salutar perceber que os dois momentos do presente atual, um que degusta a Madeleine e outro vivido em Combray, se misturam à sensação gustativa do agradável bolinho doce, sem que haja uma predeterminação sensorial.

Uma vez feitas essas considerações acerca da memória involuntária, é chegada a hora de trazer a lume o Tempo, considerado o cerne do processo criativo na obra *O Tempo Redescoberto*, último livro do ciclo romanesco de Proust, delimitado para esse estudo. Assim sendo, o tempo assume o plano central do livro, desde o momento em que o narrador Marcel se depara com o “baile dos mascarados”, no salão da princesa de Guermites. Face a isso, digna-se esclarecer que, em tal baile, os convivas estão mascarados não por estarem em um baile de máscaras, antes por sofrerem a grande metamorfose do tempo. Acresce-se a isso que todas aquelas pessoas, que estavam presentes na aludida recepção, de um modo ou de outro, outrora se ligaram e entrecruzaram na vida do Narrador da *À la recherche du temps perdu* proustiana, em momentos os mais diversos possíveis; contudo, Marcel (narrador) dá a conhecer que tais criaturas compareciam, diante de



suas lentes, no citado salão, simplesmente irreconhecíveis, dada a profunda metamorfose que sofreram, ao longo do tempo. No que segue, surpreso e arrebatado por esse desfile monstruoso, o narrador da *Recherche* enfeixa, em sua mente, a ideia da obra que busca por toda uma vida e que, por muitos momentos, o angustiara diante da impossibilidade de consumá-la. Nesse ínterim, o Narrador se dá conta de que a confrontação do passado com o presente, nesse desfile de espectros, constituía condição *sine qua non* para a consumação de sua obra. Na verdade, não era ele quem construía a obra: esta se construía, nele, pela ação do tempo. Corrobora o exposto a seguinte passagem, extraída de *O tempo redescoberto*:

E, sem dúvida, todos esses planos diferentes, segundo os quais o Tempo, desde que, nesta festa, eu o recapturara, dispunha a minha vida, aconselhando-me a recorrer, para narrar qualquer existência humana, não à psicologia plana em regra usada, mas a uma espécie de psicologia no espaço, acrescentavam nova beleza às ressurreições por minha memória operadas enquanto devaneava à sós na biblioteca, pois a memória, pela introdução, na atualidade, do passado intato, tal qual fora quando era presente, suprime precisamente a grande dimensão do Tempo, a que permite à vida realizar-se (Proust, 2013, p. 386).

Para além do que vai dito nas supramencionadas linhas, torna-se sumamente importante trazer, para o âmago desta discussão, que muitos são os “tempos” que habitam o romance proustiano. Assim sendo, para que, de um lado, se compreendam esses fenômenos temporais e, de outro, a edificação da memória em sua plenitude, mister se faz interrogar o que significa a expressão “fora do tempo” na passagem abaixo? De que tempo se trata aqui?

[...] na verdade, o ser que em mim então gozava dessa impressão e lhe desfrutava o conteúdo extratemporal, repartido entre o dia antigo e o atual, era um ser que só surgia quando, por uma dessas identificações entre o passado e o presente, se conseguia situar no único meio onde poderia viver, gozar a essência das coisas, isto é, fora do tempo. [...] (Proust, 2013, p. 212, grifo nosso).

Diante disso, é importante que se diga, em resposta aos questionamentos, que o *tempo*, fora do qual se situa o Narrador, é o *presente imediato*, tempo esse por meio do qual o Narrador alcança o milagre de viver, concomitantemente, o outrora e o agora, o lá e o aqui, porque abdica da ação, desliga os fios que o conectam com a urgência do momento seguinte, esquece o premente e presentifica o ausen-



te. Desse modo, o presente, descomprometido com a ação, configura-se como sendo um amplo cenário para as múltiplas dramatizações do tempo, pois, detendo-se um instante, e aprofundando-se – em vez de debruçar-se imediatamente sobre o futuro, de atirar-se compulsivamente para frente, de continuar-se sôfrega e ininterruptamente – ele dá ensejo às intersecções, superposições, interpolações, que encenam as incessantes metamorfoses do eu, nas diversas máscaras do tempo. Acrescenta-se a isso que o presente – puro, isento, contido em si mesmo – apresenta-se e revela a sua face mais misteriosa: ele é o vertiginoso abismo do que não é – não é passado, não é futuro, não é presente, tampouco, já que, frágil e tênue, deixa tão instantaneamente de ser – e, por isso mesmo, pode tão profundamente vir a ser. Artisticamente vivido, o presente é o nada que a memória pode infinitamente preencher e que a imaginação pode diversamente povoar. Sendo assim, aquilo que, ao Narrador, se afigurara como “um verdadeiro momento do passado”, na verdade, é muito mais do que isso, “alguma coisa que, comum ao passado e ao presente, é mais essencial do que ambos” (Proust, 2013, p. 213). Diante disso, cumpre indagar: E que coisa é essa? Logo a seguir, no afã de transcender a lei absurda, consoante a qual só se pode imaginar o ausente, o Narrador se apropria da intuição precisa:

E eis que repentinamente se neutralizava, se sustinha o efeito dessa dura lei, pelo expediente maravilhoso da natureza, fazendo cintilar a mesma sensação – ruído da colher e do martelo, irregularidade semelhante do calçamento – tanto no passado, o que permitia à imaginação gozá-la, como no presente, onde o abalo efetivo dos sentidos, pelo som, pelo contato com o guardanapo, acrescentara aos sonhos da fantasia aquilo de que são habitualmente desprovidos, a ideia da existência, e graças a esse subterfúgio, me fora dado obter, isolar, imobilizar o que nunca antes apreendera: um pouco de tempo em estado puro (Proust, 2013, p. 213-214).

Com base no excerto acima, urge indagar: como se explica a aparente contradição de está o Narrador *fora do tempo* e simultaneamente *apreender o tempo em estado puro*? Ante o questionamento, basta que se diga, outrossim, que o tempo desfila pelo romance as suas mais contraditórias fisionomias. Dessa forma, num primeiro momento, ele se configura como sendo o destruidor implacável, que reduz ao esquecimento e conduz à morte; depois, esse mesmo tempo que rouba, outorga de volta o que roubara com semblante transfigurado, de tal maneira que a



consciência aguda da perda redundante na posse definitiva. No que segue, o tempo, dessarte, par e passo com a memória, é capaz de manobras ainda mais estranhas, ao trazer de volta incidentes insignificantes, ocorridos em épocas muito remotas, igualmente esquecidos nos baús empoeirados do passado, não como lembranças, mas como fatos reais, que tornam a acontecer, num novo momento do tempo.

Em consonância com o que vai dito nas supra-mencionadas linhas, mister se faz esclarecer que não se trata de um passado e de um presente, mas tão somente de uma mesma *presença* que faz coincidir, em uma simultaneidade sensível, momentos incompatíveis, separados por todo o curso da duração. Neste contexto, o presente é passado e o passado é presente, pois ambos advêm de um brotar contemporâneo da memória e da imaginação, brotar esse que é solidário e tributário da gestação histórica do próprio ser que recorda e imagina, bem como do acontecer artístico do próprio Tempo que, por seu turno, se temporaliza. Neste ponto, o tempo é, portanto, anulado e engendrado pelo próprio Tempo. Daí resulta que o estar fora do tempo é a condição de possibilidade para se apreender o Tempo em estado puro. Como se vê, a contradição lógica se resolve numa ambiguidade ontológica, enfeixada na raiz da própria temporalidade do Tempo.

Com efeito, é relevante fazer alusão ao fato de que, em Proust, a operação mais originária da memória consiste em impedir o curso dos acontecimentos e pôr o próprio Tempo a escrever. Neste particular, não se pode prescindir de dizer que o Tempo é o verdadeiro Narrador da *Recherche*, pois, nele, se imbricam a memória que pensa, a imaginação que recorda, a alma que se prospecta e o ser que se auto-engendra. Sob esse prisma, não seria descabido dizer que, em O Tempo Redescoberto, a memória, fundamentalmente, não é rememorativa nem projetiva, posto que ela enfeixa, em si, todas as forças vitais, todo o vigor anímico, todos os pendores do espírito, todas as reservas sensíveis, numa realização sublime na qual o que foi, em sua facticidade, e o que poderia ter sido, em sua vasta gama de possibilidade, tornam-se o anverso e o reverso de um mesmo impulso criador que faz nascer o verdadeiro Tempo.

Em se tratando, ainda, do Tempo que permeia a *Recherche* proustiana, vale a pena acrescentar que Benjamin (1994), ao esquadrihar a densa floresta dos sete volumes de *Em Busca do Tempo Perdido*, construiu a sua *A Imagem de Proust* e, nesta, patenteia que o escritor francês nos convida para apreciação de uma imagem da eternidade, eternidade essa que destoa tanto da de Platão quanto da de Spinoza, na medida em que se trata de um eterno sem um



tempo infinito, mas que enfeixa, no seu bojo, um tempo entrecruzado, ora entre as reminiscências da memória (internamente), ora entre o envelhecimento (externamente). Nas perspícuas palavras do ensaísta alemão:

A eternidade que Proust nos faz vislumbrar não é a do tempo infinito, e sim a do tempo entrecruzado. Seu verdadeiro interesse é consagrado ao fluxo do tempo sob sua forma mais real, e por isso mesmo mais entrecruzada, que se manifesta com clareza a reminiscência (internamente) e no envelhecimento (externamente) (Benjamin, 1994, p. 45).

Do excerto acima extratado, depreende-se, com fulcro em Benjamin (1994), que compreender a interação do envelhecimento e da reminiscência significa penetrar no coração do mundo proustiano, ou melhor dito, no universo dos entrecruzamentos.

No que respeita à forma, por assim dizer, poliédrica e entrecruzada do Tempo, visualizada em *À la recherche du temps perdu*, Deleuze (2003) torna patente, em seu *Proust e Os Signos*, que é justamente sob a ótica do templo múltiplo que Proust compôs sua obra, construindo, para tanto, um tempo no qual

infinitas linhas se entrecruzam, fazendo com que os signos interfiram uns nos outros, multiplicando suas combinações. Neste particular, o pensador francês acrescenta que a narrativa proustiana é guiada pela reflexão acerca dos “tempos”: o tempo que passa; o tempo que se perde; o tempo que se redescobre no âmago do tempo perdido; o tempo original transformado na verdadeira eternidade que se afirma na arte. Enfim, tempo que é reencontrado através da memória e que se revela como absoluto e eterno por meio da comunicação da intuição de um artista: “Era essa noção de tempo incorporado, dos anos escoados, porém inseparáveis de nós que eu tencionava fazer ressaltar em minha obra.” (Proust, 2013, p. 291).

Destarte, torna-se, pois, de grande monta assinalar que Deleuze (2003), ao deslindar a obra proustiana *Em busca do tempo perdido*, nos informa de que o personagem-artista da *Recherche* se depara com diversas espécies de signos que, por seu turno, devem ser objeto de um trabalho interpretativo ou criativo. Sob essa ordem de ideias, há de se notar que é justamente por meio do desdobramento dos diferentes tipos de signos que o artista vai, paulatinamente, desdobrando a si mesmo ou, melhor dito, se constituindo, descobrindo, redescobrando ou inventando as verdades que se encontram implicadas em seu próprio devir ou trajetória de vida. Assim sen-



do, importa conscientizar-se de que é nesta trajetória que os signos, em Proust, irão traçar uma relação essencial com o tempo, relação essa que se encontra expressa não somente por todo o romance, mas até mesmo nos próprios títulos e subtítulos da obra, quais sejam tempo perdido e tempo recuperado. Deduz-se deste contexto que a obra proustiana *Em busca do tempo perdido* apresenta, para Deleuze, não apenas uma concepção plural do signo, mas ainda uma concepção plural do tempo, que, por seu turno, se contrapõe a uma concepção puramente cronológica do mesmo.

Conquanto Deleuze (2003), na passagem anterior, refira aos diferentes tipos de signo, presentes na obra de Proust, cumpre salientar que, para fins deste estudo, importa tão somente a compreensão acerca dos signos da arte e, por extensão, da relação destes com o tempo enquanto essência. Dito isso, torna-se, pois, digna de nota a hegemonia que este filósofo confere aos signos artísticos, em sua notável obra *Proust e os signos*, o que é facilmente compreensível, já que tais signos, a bem dizer do referendado filósofo, têm o poder de revelar a essência do artista, da trajetória, bem como da própria arte. Nesta linha, é pertinente acrescentar que o filósofo francês prossegue com suas observações nos inteirando de que os outros signos (mundanos, amorosos e sensíveis)

possuem uma importância parcial na medida em que eles conduzem o artista, passo a passo, aos signos essenciais da arte. Neste ponto, urge esclarecer, à luz de Deleuze, que, em relação às linhas do tempo, há de se notar a existência de um tempo absoluto ou original correspondente aos signos da arte, tempo esse “complicado” que contém todos os outros, que reage sobre todos os demais, revelando, assim, as verdades dos signos mundanos, amorosos e sensíveis, verdades estas até então desconhecidas pelo artista da *Recherche* proustiana que, no momento em que sofria a ação destes signos, acreditava estar simplesmente “perdendo tempo”. Em face dessa análise deleuziana, constata-se sem dificuldade que somente a obra de arte é capaz de revelar a essência dos signos, essência essa que nada mais é do que a unidade do signo com o seu sentido. Nas acertadas palavras do filósofo:

Os signos mundanos, os signos amorosos e mesmo os signos sensíveis são incapazes de nos revelar a essência: eles nos aproximam dela, mas nós sempre caímos na armadilha do objeto, nas malhas da subjetividade. É apenas no nível da arte que as essências são reveladas. Mas, uma vez manifestadas na obra de arte, elas reagem sobre todos os outros campos: aprendemos que elas já



se haviam encarnado, já estavam em todas as espécies de signos, em todos os tipos de aprendizado (Deleuze, 2003, p. 36).

Depreende-se do exposto que Deleuze (2003), com argúcia que lhe é peculiar, dá a conhecer como a arte, em *Proust e os signos*, converte-se numa espécie de dobra dos signos e dos tempos vividos, tornando visível um tempo singular absoluto que lhe é inerente e que, apesar de inseparável dos demais tempos-movimentos, possui a potência paradoxal da essência ou, expressado de outro modo, de um tempo irrepresentável.

De tudo que foi dito até então acerca da memória involuntária, tida como instrumento abalizado para a redescoberta do Tempo, bem como da dialética *no tempo e fora do tempo*, dialética essa que conjuga para as múltiplas feições que a temporalidade pode assumir, torna-se, pois, de primacial importância aclarar que, na obra *Em Busca do Tempo Perdido*, de Proust, o que, de fato, o Narrador procura é a verdade ou a essência, verdade essa que será revelada na recepção dos Guermantes, nomeadamente na biblioteca, onde ele é convidado a aguardar que a música cesse para que ele possa fazer sua entrada em mais uma recepção, que lhe parece, pela primeira vez, ter (e saber) o que dizer: que não é a vida, nem

mesmo a passada, a já perdida, o que lhe inquieta e compete; mas o livro, o livro de uma vida ou, como preferiria Proust, a vida de um livro: a gênese da literatura de um autor que fecunda, na “vocação para literatura” e no “tempo”, as bases de sua composição literária:

[...] o ser que em mim então gozava dessa impressão e lhe desfrutava o conteúdo extratemporal, repartido entre o dia antigo e o atual, era um ser que só surgia quando, por uma dessas identificações entre o passado e o presente, se conseguia situar no único meio onde poderia viver, gozar a essência das coisas, isto é, fora do tempo. Assim se explicava que, ao reconhecer eu o gosto da pequena Madeleine, houvessem cessado minhas inquietações acerca da morte, pois o ser que me habitara naquele instante era extratemporal, por conseguinte alheio às vicissitudes do futuro. Ele vivia apenas da essência das coisas, e não conseguia captá-la no presente em que, a imaginação não estando em jogo, os sentidos eram incapazes de lhe fornecer essa essência; o próprio futuro para o qual tendem nossas ações nô - la abandona. Tal ser nunca me aparecera, nunca se manifestara senão longe da ação, da satisfação imediata, senão



quando o milagre de uma analogia me permitia escapar no presente. Só ele tinha o poder de me fazer recobrar os dias ecoados, o Tempo perdido, ante o qual se haviam malogrado os esforços da memória e da inteligência (Proust, 2013, p. 212-213).

Uma vez redescoberto o Tempo, ao Narrador é dada não apenas a convicção de sua vocação literária, mas ainda a própria essência da literatura. Contudo, há de se notar que a mais fabulosa descoberta que se lhe configurou na alma foi a de que a voz da temporalidade, de onde jorrava a possibilidade suprema da criação artística e, por extensão, da realização existencial, era dos subterrâneos de si mesmo que ela emanava: “[...] eu sabia não ter descoberto a beleza de Balbec quando lá estivera, nem ter encontrado, lá regressando, a formosura guardada na memória. Já verificara demasiadamente a impossibilidade de atingir na realidade o que havia em meu íntimo.” (Proust, 2013, p. 218).

Diante disso, é fundamentalmente importante que se diga que o encontro com a verdade profunda, que se revela sob a forma da redescoberta do tempo, se processa numa autêntica arqueologia do sensível que, por seu lado, se consuma na descida ao núcleo cordial da interioridade anímica:

[...] Impressões como as que procurava fixar só se poderiam evanescer ao contato do gozo direto, que fora impotente para suscitá-las. O único modo de apreciá-las melhor seria tentar conhecê-las mais completamente lá onde se achavam, isto é, em mim mesmo, torná-las claras até em suas profundezas (Proust, 2013, p. 219).

Do trecho acima, extratado de *O Tempo Redescoberto*, podemos seguramente assinalar que assim se explica a alegria do Narrador, ao constatar que o homem que agora era, após a revelação na biblioteca dos Guermantes, ele sempre o houvera sido, desde os remotos tempos de sua infância, em Combray, pois a concentração existencial com que ele agora se detinha, nas reminiscências, era a mesma com que outrora fixara qualquer imagem que o compelsse à contemplação – uma nuvem, um triângulo, um sino, uma flor, uma pedra – percebendo-os e recebendo-os como caracteres hieroglíficos sob os quais se ocultasse um pensamento, uma verdade, um sinal, que lhe cumpria decifrar:

Entretanto, percebo ao cabo de um momento, depois de refletir sobre essas ressurreições da memória, que, de outro modo, impressões obscuras me haviam, já em Combray, no caminho de Guer-



mantes, solicitado, tal como essas reminiscências, a atenção, encerrando porém não uma velha sensação, mas uma verdade nova, uma imagem preciosa que eu tentava desvendar por meio de esforços semelhantes aos que fazemos para recordar alguma coisa, como se nossas mais belas ideias fossem músicas que nos voltassem sem nunca as termos ouvido e buscássemos escutar, transcrever (Proust, 2013, p. 220).

Tendo em vista as supramencionadas passagens, extraídas de *O Tempo Redescoberto* proustiano, percebe-se, sem esforço, que somente a memória involuntária poderia resgatar, das profundezas adormecidas do Narrador, o passado remoto esquecido com o passar dos anos. Sendo assim, constata-se que a memória involuntária é de importância crucial na gênese da obra proustiana, visto que é por meio dela que as reminiscências emergem, conjugando para a volta do passado, sendo este a própria matéria com a qual Marcel (Narrador) incumbir-se-á de dar forma à sua literatura. Neste contexto, releva notar que, mediante a identificação misteriosa de dois momentos distantes - passado e presente- a memória faz um apelo à imaginação e provoca, no Narrador, o sentimento de poder apreender um objeto em sua eter-

nidade e conceder a ele a perenidade de uma obra de arte. Acresce-se a isso que foi a intervenção da memória involuntária “que me fizera vislumbrar na obra de arte o único meio de reaver o Tempo perdido, nova luz se fez em mim. E compreendi que a matéria da obra literária era, afinal, minha vida passada” (Proust, 2013, p. 244).

Parece de bom alvitre dizer que, unindo o fim ao início, a experiência derradeira à vivência primeira, prefigurando na gênese o destino que se desdobrará e adivinhando no além o aquém do qual promana, a memória involuntária consoma a vocação cifrada em seu nome, que é a de constituir unidade, e se consagra na circularidade virtuosa de um percurso que não cessa de originar-se de si por si mesmo, retornando sempre ao ponto de partida, porém aprofundando - se e expandindo-se cada vez mais. E, em última instância, a memória involuntária é esta esfera em cujo bojo se guardam pequenos instantes de insuspeita grandeza, que a rotação lenta e volumosa trará de novo e de novo, transfigurados, agora, pelo dom epifânico da ressurreição, arrastando atrás de si todo um universo de sensações e impressões, e cujo centro é a rubra morada do próprio Tempo, tempo que é criação, tempo que é invenção, tempo que é essência.



Assim posto e assim assente, importa dizer que, do estudo aqui empreendido, ratifica-se a perspicácia do literato francês Marcel Proust (1871-1922), demonstrada na sua monumental obra *O tempo redescoberto*, a qual norteou esse estudo. No ensejo, salienta-se a necessidade de lê-la, levando, na devida conta, a dimensão da memória involuntária, que a vivifica e a singulariza, afinal um leitor desavisado, não ciente de que, na obra em evidência, o citado romancista brinda a posteridade com a busca de uma verdade que, em última instância, redundará em uma suprema vocação artística, passaria indiferente aos preciosos ensinamentos dela extraídos, fato esse que se constituiria numa perda inestimável.

Para além de depreender que, na supracitada obra, tudo depende da memória, em sua feição essencialmente involuntária, desse tecido esgarçado que o autor persegue obsessivamente, não deixando escapar nenhum pormenor, com tanto mais razão há de se levar, na devida conta, que o tempo perdido, fragmentado, é tempo criado, eternizado; assim, a unidade essencial da *Recherche* são os estratos temporais diversos que a constituem: plena e fragmentada, acabada e inacabada, formada e transformada; tempo intrínseco e tempo extrínseco vertiginosamente atualizados e diluídos na realidade-ficção. E, em última instância, cumpre acrescentar que, do es-

tudo aqui encetado, constatou-se, à luz do engenho de Proust, das imagens de Benjamin (1994), bem como dos signos de Deleuze (2003) que a essência revela-se através da arte; a verdadeira vida, a vida que se cria, só pode ser na arte desvelada; através desta noção, Proust nos indica que a obra de arte insufla vida na vida daquele que a acolhe; sua existência efetiva-se quando dela apropria-se o homem em busca de si mesmo, de sua identidade e essencialidade. Por fim, imprescindível acrescentar que todo estudo que concentre, nele, a fecunda presença do literato Proust, do ensaísta Benjamin, bem como do filósofo Deleuze, além de demandar um indiscutível esforço de erudição, ainda carece de uma análise mais acurada e demorada. Logo, cremos que o estudo que ora se apresenta, não se exaure por aqui.



Referências

BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. *In: Obras escolhidas* – magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994. v. 1. p. 36-49.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. 2. ed. Tradução: Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

PROUST, Marcel. **O tempo redescoberto**. Tradução: Lúcia Miguel pereira. São Paulo: Globo, 2013.

